



WALTER BENJAMIN, EXPRESSÃO POLÍTICA E PERSONAGENS DA HISTÓRIA

Erika Felipe de Albuquerque
episteme@bol.com.br

Marineide Bezerra Ferreira
mariebferreira@bol.com.br

Viviane Suely Paixão
vivianesueli@hotmail.com

Fortaleza - CE

2009



WALTER BENJAMIN, EXPRESSÃO POLÍTICA E PERSONAGENS DA HISTÓRIA

*Erika Felipe de Albuquerque*¹
episteme@bol.com.br

*Marineide Bezerra Ferreira*²
mariebferreira@bol.com.br

*Viviane Suely Paixão*³
vivianesueli@hotmail.com

“Minhas asas estão prontas para o vôo,
Se pudesse, eu retrocederia
Pois eu seria menos feliz
Se permanecesse imerso no tempo vivo.”.

(Gerard Scholen, *Saudação do anjo* Apud Benjamin 1994:226)

RESUMO: O pensamento de Walter Benjamin nos leva ao resgate do conceito de história elaborado por este teórico nas *Obras Escolhidas, especialmente*, nas “Teses sobre o conceito de história”. O conceito de história elaborado por Benjamin está impregnado de política, como de cultura, haja vista, estar sua reflexão situada no resgate da arte como um instrumento de crítica social. A história para Benjamin deve ser resgatada dos fragmentos que a sociedade da técnica a relegou. Assim, a principal função da história é manter vivo a tradição no presente impulsionando para o futuro. Benjamin critica a história dos vencidos e procura resgatar nos personagens da história, o colecionador, o estudante, o jogador e o flâneur, frutos da sociedade de vidro, ou do mundo da mercadoria, marcada pelo ideal do Iluminismo, elementos essenciais para redimir a história, ou seja, colocá-las na mão dos vencidos. Portanto, trataremos em linhas gerais, a perspectiva da história em Benjamin em sua dimensão política e cultural.

Palavras-Chave: História – Personagens – Cultura.

Introdução

Estudar Walter Benjamin é reaprender a encontrar nos fragmentos elementos essenciais a reconstrução da história sobre a ótica dos vencidos. Benjamin procura manter

¹ Professora Substituta da Universidade Estadual do Ceará e Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará.

² Pedagoga e Especialista em História e Geografia.

³ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará.



viva a sua cultura frente aos escombros da Segunda Guerra. Suas lembranças o impulsionam a compreender a forma com que os homens vão experimentando o tempo novo e, assim identificar-se com os vencedores.

Benjamin quer encontrar, nas lembranças, na capacidade mimética, uma forma de redimir a história, de libertá-la de onde o mundo da racionalidade, da técnica, da mercadoria a havia relegado. Como um colecionador, procura resgatar nos vestígios elementos de valor que sirvam para manter a identificação dos homens, a fim de levá-los a uma transformação.

A modernidade para Benjamin traz uma pobreza da experiência o que vai acarretar um afastamento da história, significa isto dizer que o homem distancia-se de sua participação na história e assim deixa de escrevê-la. Este distanciamento se dá porque a história tem como característica o tempo homogêneo e vazio, marcada pela linearidade, pela repetição do novo sob a proposta do novo.

A história do progresso, posta pelo Iluminismo, põe o homem num conformismo. A experiência da guerra revela este conformismo, ou não identificação com a história, os combatentes voltavam mudos para casa. Esta guerra, como se mostrou a Primeira e Segunda, revela o caráter técnico e demonstra a nova função do homem no mundo, ele passa a ser visto como mero instrumento.

O enfraquecimento da narrativa leva ao enfraquecimento da tradição e conseqüentemente ao empobrecimento das experiências, o imediatismo é o que prevalece. Nesta relação imediatista, o passado coletivo deixa de ter importância, ela vai sendo soterrado entre os escombros. A ruptura com o passado representa a perda da identidade coletiva, o homem passa a se identificar com a cultura de vidro, com o mundo da mercadoria.

Relacionando-se com os objetos mercadológicos, o homem, passa a viver uma natureza ilusória onde a realização se restringe em acompanhar a técnica na busca da novidade. Pobre de cultura, de passado, os indivíduos se tornam objetos, vivem em função da mercadoria.

Nesta relação o homem é capaz de perceber este domínio, quando passa a se enxergar como instrumento, ele percebe sua condição desumanizada. Mergulhado na melancolia ele é capaz de perceber toda a trama que o envolve. Neste estado de melancolia percebe a história com um amontoado de ruínas, haja vista que representa a história dos vencidos.



O melancólico quer resgatar a história das ruínas e para isso tenta barrar o progresso, como o Anjo da história quer retirar os escombros que escondem os objetos de valor, mas a poeira do progresso o impele a prosseguir. Para resgatar a história é preciso destruir o existente na tentativa de reconstruir o passado dos fragmentos.

A suspensão do *continnun* da história se dá pela instauração da *agoridade*. Esta ruptura seria uma estratégia, pois cada agora traz consigo a totalidade. Nesta idéia se dá o resgate dialético do fazer do historiador, pois a história permanece aberta, dado que o futuro depende do presente que é construído se voltado para o passado.

O cotidiano da cidade representa para Benjamin o palco das transformações. É o homem real, o transeunte, o homem da massa que participa da transformação da história. O homem tem consigo a força messiânica, na busca por sua identificação com o coletivo. Porém somente o sentimento de ausência de valores das coisas desperta o caráter destrutivo capaz de transformar em ruínas os falsos valores e resgatar dos escombros os elementos de valor para a construção do *agora*. Entretanto, destruição e construção não cessam, pois este é o movimento da história dos vencidos, da verdadeira história, segundo Benjamin.

A Cidade como Palco da História.

A cidade é para Benjamin o espaço dos grandes acontecimentos do homem. É neste espaço que os encontros humanos se dão, nele também que os despertares acontecem. Para o homem moderno a cidade é indispensável. Assim, o homem moderno necessita dela, como o ar que respira logo porque, a cidade exerce um fascínio sobre o transeunte.

A cidade para o homem moderno cria fantasmas, constrói mitos com as mercadorias que a mantém. A heterogeneidade dos elementos que compõem este universo citadino inibe a percepção real deste espaço, o homem finda por criar uma imagem alegórica da cidade, uma imagem alienada.

Assim, a ilusória percepção da cidade faz dela uma paisagem. Benjamin compreende que o homem, ocupante dos grandes centros urbanos, não estabelece nenhum vínculo profundo com ela quando emerso em suas vitrines e outdoors. O ambiente de circulação humana, neste universo da técnica e da mercadoria que é a sociedade capitalista, torna a fisionomia citadina uma vitrine mercadológica, totalmente desumanizada.

Diz Benjamin (1989, p. 186) que a cidade exerce no homem uma sedução, “uma



embriaguez acomete aquele que longamente vagou sem rumo nessas ruas”. Seduzir, esta seria a palavra que melhor traduziria a relação amorfa do transeunte sem rumo, o brilho, as cores, toda a proposta da mercadoria chama, atrai, mas não permanece, porque ela é transitória.

Por que então, o homem caminharia sem rumo nas vielas, nas ruas da cidade? Estaria ele perdido? Estaria ele em busca de algo, de sentido para sua existência? Estaria ele procurando um elo com este universo que o cerca e o envolve cotidianamente? Que papéis teriam o homem neste espaço de perda, desagregação?

O homem tem seus nexos, suas ligações com este cotidiano citadino. Para Benjamin a cidade e suas teias tecidas pelo movimento da história humana resgatam a imagem do labirinto. Para Benjamin, o labirinto representa a pátria hesitante. A pátria, a casa, a identificação do hesitante. Ora, mas o hesitante é um temeroso, ele teme, ele deseja mais retorna, ele fecha os olhos, ele é o alienado que se deixa seduzir pelo encanto da mercadoria.

Assim diz Benjamin (1989, p. 203) que aquele que “teme chegar à meta facilmente traçara um labirinto”. Desta forma, a alegoria do labirinto é a cidade do consumo. Não é fácil encontrara a saída de um labirinto. Ele nos engana. Nós nos perdemos nele. A mercadoria, massificadora do homem tem mil facetas e a todo o momento cria instrumentos para mantê-lo percorrendo suas falsas saídas.

O homem não consegue desligar-se da cidade como mercadoria. Sua não capacidade de desligamento, de ruptura faz com que ele crie superstições e estabeleça para si metas impossíveis de serem alcançadas. “A cidade abre-se diante do transeunte como uma paisagem sem soleiras”. (1989, p. 192) E o homem passa a fazer da cidade seu interior.

A rua como morada do coletivo e o coletivo inclina-se para a auto-alienação refletida na fantasia do homem. A cidade passa a ser um paradoxo; solidão na multidão; passado no presente. Assim, ao sair do trabalho é possível vislumbrar a uma casa de campo com seu ar característico nas grandes propagandas; Pessoas ocupando espaços sem se enxergarem, são incapazes de se perceber, porque fechadas em sua individualidade; Grandes construções resgatando a nostalgia de tempos passados em suas construções suntuosas e movidos à alta tecnologia.

Estas imagens fornecem ao homem moderno, cansado, exausto de informações, saturado de seu trabalho sem significado interior uma forma de alienação. A fadiga pode ser superada sem muita demora. Tudo está ao alcance de suas mãos, propõe a sociedade de consumo. O tempo está preenchido de todas as necessidades do homem, preenchido por tudo

o homem esquece-se de seu eu.

A faculdade mimética foi perdida. Sem esta faculdade a multidão é uma massa informe de desconhecidos que passam. O homem não se reconhece na multidão, ele é só um indivíduo, a multidão é o cenário da cidade, é um objeto, como qualquer outro exposto nas vitrines e outdoors.

O mundo-mecadoria, eis a forma de superar esta realidade fantasmagórica da cidade-objeto. Despreza-se o contato com os outros nessa relação. A comunicação passa a ser banalizada e desta forma, “Aquele que vê sem ouvir fica muito mais inquieto que aquele que ouve sem ver. (...) As relações entre os seres humanos na cidade grande são caracterizados por uma preponderância marcada da atividade da visão sobre a audição”. (BENJAMIN, 1989, p. 192).

A embriaguês da cidade é impressa por todos os sentidos e,

Os elementos temporais mais heterogêneos se encontram, portanto, na cidade, lado a lado (...) as construções antigas se mesclam com as modernas, fazendo-nos caminhar no tempo (...) quem entra numa cidade, sente-se como numa tessitura de sonhos, onde o evento de hoje se junta ao mais remoto. (BENJAMIN, 1989, p. 229).

Essa empatia que o homem-objeto sente, neste universo citadino moderno, cega-o da percepção das relações superficiais criadas pelo mercado. Essa empatia é direcionada pelo ordenamento do progresso onde a figura central é o vencedor, dado que é este que escreve a história. Benjamin (1989, p. 22) entende que esta relação mantém o homem num estado de coma permanente:

O homem (...) está sempre em estado selvagem! O que são os perigos da floresta e da pradaria comparado aos choques e conflitos diários do mundo civilizado? Enlace sua vítima no bulevar ou trespasse sua pressa em florestas desconhecidas, não é ele o mais perfeito predador?

Seria possível perceber a realidade diante deste espaço de ilusão, de aprisionamento? Para Benjamin, existem vários personagens que compõem a cidade e cada um desses personagens da história, portanto da cidade, experimentam este espaço de formas diferentes. Essas maneiras dos sujeitos vivenciarem a cidade moderna permitem a Benjamin registrar, catalogar a vivencia e o papel de cada um desses elementos sociais.

Benjamin acredita que somente quando a empatia com a mercadoria for superada e o homem resgatar a imagem real da cidade, quando o homem “levar a caba às novas experiências da cidade dentro da moldura das velhas”. (1989, p. 226), Quando a cidade



em sua imagem nova for percebida como repetição seria possível perceber a cidade nela mesma.

Seria então a revolução operando uma ruptura com a ordem do progresso desencantando a cidade posto que, “Só a revolução cria o ar livre da cidade. O ar pleno das revoluções, a revolução desencanta a cidade”. (Benjamin, 1989, p. 192). Como o *Anjo*, quadro de Paul Klee, o resgatador, o indivíduo deve retomar o passado através dos fragmentos encontrado nas ruínas, assim ele apropria-se da história e reescreve-a como história dos vencidos.

O Colecionador

Benjamin procura entender os papéis nos rostos da multidão nas grandes cidades. Pensa que na multidão cada um possa encontrar-se. Assim, observa as pessoas na cidade e como um fisionomista cataloga as figuras que transitam neste espaço de experiências.

Salvar as experiências coletivas, eis o objetivo central de Benjamin. É nessas experiências que reside a chave para o resgate de cada experiência particular necessárias ao projeto de reescrita da história pelos vencidos. O projeto baseado na tentativa de escovar a história a contrapelo.

Uma das figuras identificadas por Benjamin na cidade é a do colecionador. O colecionador tem como principal característica resgatar objetos velhos a partir dos novos que se apresentam. Portanto, sua ação é a do renovador, renovar o velho no novo. Benjamin (1987, p. 228) diz que “a existência do colecionador é uma tensão dialética entre dois pólos da ordem e da desordem”.

Portanto, este paradoxo da existência do colecionador o coloca num papel chave diante do pensamento benjaminiano. O colecionador seria aquele que coloca a ordem na peças que se mostra desordenadas no real. Determinador da ordem pode apresentar em suas ações uma empatia com o vencedor, cujo herói é o dominante.

O colecionador desta feita representa o historiador que para Benjamin pode exercer dois papéis o negativo, quando manifesta empatia com o vencedor ou dominantes e o positivo quando resgata a história dos vencidos. O colecionador é aquele que imprime sua identidade destacando a reflexibilidade. Como imerso na história ele captura os objetos em sua totalidade, tratando-os com lembrança, como relíquia. Ao guardar o passado na lembrança o



coleccionador destina-lhe a mortalidade.

A nostalgia do colecionador negativo demonstra a visão de um tempo não retornável. Os objetos do passado são, para ele, a representação de uma felicidade perdida e guardada na lembrança. Análise lógica do passado permite classificar e selecionar dos fatos com o qual ele estabelece simpatia. O passado se apresenta para o colecionador negativo como um objeto de contemplação, ele é estático.

Benjamin denomina a figura do colecionador negativo ao homem-estojo cuja antítese é a do caráter destrutivo. Assim “O caráter destrutivo é o adversário do homem-estojo. O homem-estojo busca sua comodidade e sua caixa é a síntese desta. O interior da caixa é o rasto revestido de veludo que ele imprimiu no mundo”. (BENJAMIN, 1989, p. 237).

Diz Benjamin (1987, p. 234):

A atitude do colecionador em relação aos seus pertences provém do sentimento de responsabilidade do dono em relação à sua posse. É, portanto, no sentido mais elevado, a atitude do herdeiro. Assim, a transmissibilidade de uma coleção é a qualidade que sempre constituirá seu traço mais distinto. Saibam que tenho plena consciência de quanto essa revelação que faço do mundo mental contido no ato do colecionador vai reforçar para muitos de vocês a convicção de que esta paixão é coisa do passado e a desconfiança contra o tipo humano do colecionador. [...] o fenômeno do colecionador perde seu sentido à medida que perde seu agente.

Haveria a salvação do colecionador já que sua atitude parece estar reafirmando sempre a história dos vencedores? Benjamin (1989, p. 235) acredita que há uma característica significativa no colecionador, a constância de seu fazer, sua obra nunca está acabada totalmente. O historiador autêntico para Benjamin é aquele que traz consigo um geniozinho que permitem ser “a posse mais íntima relação que se pode ter com as coisas: não que elas estejam vindo de dentro dele; é ele que vive dentro delas.”

Percebemos com isso que nada está acabado na história e a todo o momento surge um objeto novo capaz de nos fazer deparar com os objetos de valor. Nesta relação de desvelamento dos objetos reside à salvação da história sendo também dela que emerge a história dos vencidos.

Para o colecionador autêntico um livro velho representa o seu renascimento. Cada objeto representa para este colecionador o mundo, a totalidade está impressa nele. Assim, o velho poderia ser renovado. Para Benjamin o papel do autêntico colecionador não é instaurar o novo, pois esta função a modernidade tem feito constantemente. Relata Benjamin (1987, p.



124):

Depois de cada celebração de Natal e de aniversário era preciso decidir qual dos presentes seria doado ao “novo armário”, do qual minha mãe me guardava as chaves. Tudo o que era guardado a chave permanecia novo por mais tempo. Mas meu propósito não era conservar o novo e sim renovar o velho. Renovar o velho de modo que eu, neófito, me tornasse seu dono – eis as funções das minhas coleções amontoadas em minhas gavetas.

Assim, a ação de renovar significa para o colecionador uma apropriação, torna-se dono do objeto renovado. A renovação está impregnada de valor. Esta atitude faz com o que os objetos encham-se de tradição fazendo com que assumam valoração. Portanto, a função do colecionador é a mesma do historiador para com a história, valorar cada objeto em respeito à tradição garantido a sua transmissibilidade.

Konder (1999, p. 91) retoma as idéias de Benjamin sobre o colecionador e diz serem estas figuras os seres mais apaixonados do mundo e continua,

O colecionador, aos olhos de Benjamin, se caracterizava por uma paixão que o punha em contato com o caos das lembranças. A coleção era o modo pelo qual ele tentava ordenar objetos marcado por recordações. Num belo artigo intitulado “Desempacotando minha biblioteca”, Benjamin tinha descrito, poucos anos antes, a tensão dialética do colecionador, movendo-se entre os pólos antitéticos da ordem e da desordem. Possuído por uma mania que não se dobra às explicações “bem-comportadas”, o colecionador põe a nu contradições significativas e pode contribuir, mesmo sem intenção, para “desbloquear” um quadro estagnado por interpretações dogmáticas.

Portanto, podemos perceber que o papel do colecionador é libertar o objeto de sua forma desfigurada. Assim, a aquisição do objeto não significa apenas sua dominação, mas também sua libertação. Desta maneira, a história resguarda a idéia de salvação para Benjamin, logo que, na medida em que se dá à libertação da história se daria a recuperação da história dos vencidos.

A responsabilidade do historiador está em libertá-la da catástrofe. Rouanet (1987, p. 71) Benjamin tem um olhar amoroso pela coleção. Para o colecionador as coisas perdem seu valor de troca e que a verdadeira paixão do colecionador é sempre anárquica, destrutiva. “Porque essa é a sua dialética: associar sua fidelidade à coisa, ao particular que lhe é imanente, com um protesto tenaz contra o típico e o classificável”. E continua:

Se o colecionador extrai o objeto de sua ordem, é porque essa ordem, tal como ela ocorre no mundo empírico, é aleatória e irracional. Se ele o retira de seu contexto temporal, não é para anular a história, mas para torná-la acessível à reminiscência: a coleção é uma forma de rememoração prática. Ela é uma tentativa grandiosa de superara a irracionalidade da mera



existência das coisas, através de sua inserção num sistema histórico expressamente construído.

Portanto, o resgate da imagem do colecionador manifesta o resgate da imagem do homem histórico. O homem que se compreende como construtor da história. E a melhor maneira de tornar presentes as coisas é trazê-las para nosso espaço. Diz Rouanet, (1987, p. 72) ser “o que ocorre na história dialética, trazendo para o presente o futuro aprisionado no passado, em vez de mergulhar no arquivo morto do ‘era uma vez’.”

A capacidade do colecionador de ler em cada objeto toda sua história aproxima-o de um fisionomista do mundo das coisas. Segundo Rouanet (1987) um colecionador difere do alegorista. O alegorista renuncia descobrir as afinidades entre as coisas imprimindo sobre cada objeto isoladamente sua subjetividade. O colecionador por outro lado, resguarda as afinidades de cada objeto. Entretanto, em cada alegorista há um colecionador e em cada colecionador um alegorista.

Cada colecionador é um alegorista, na medida em que sua coleção jamais é completa, e, portanto cada objeto permanece um fragmento, como para o alegorista; e cada é um colecionador, na medida em que cada coisa está sujeita a receber uma significação que só para ele vale, e, portanto só se apropriando da totalidade das coisas, pode o alegorista ter acesso à totalidade das significações. (Rouanet, 1987, p. 73).

O Estudante, o Jogador e o Flâneur.

Em “Documentos da Cultura, Documentos da Barbárie” (1986, p. 151), Benjamin compreende o estudante como um sujeito da história que cria no espaço da universidade um lugar imaginário, ilusório de onde ele não se dá conta da realidade em que vive.

Entende que a existência humana passou a ser marcada pelo caráter mercantil e marcada, conseqüentemente, pela força do trabalho havendo, o que Benjamin chama de domínio da profissão sobre o indivíduo. Esta característica dominante do mundo do mercado possibilita a submissão acrítica destes estudantes ao mundo que o cerca. Assim, no campo homogêneo e vazio da história o estudante se apodera acriticamente dos conteúdos, marcando sua vida pelo dever e a obrigação.

A ausência de vida ativa faz do estudante, mas um na multidão tudo que faz, faz por uma obrigação ética imposta pela sociedade, o estudante encontra-se vazio de si e vazio dos outros. Enquanto isso “na instituição universidade, à semelhança de um gigantesco jogo de esconde-esconde, professores e alunos passam uns pelos outros sem nunca se enxergarem.”



(BENJAMIN, 1986, p. 152).

A apropriação do saber se dá superficialmente porque não se sabe o que realmente significa apropriar-se desta ciência. Para Benjamin, o vínculo com a experiência, posta pela modernidade, foi extinta, e sua consequência mais direta foi à decadência do espírito criador entre os muros da universidade.

A função da universidade não poderia ser outra a não ser inserir o homem no mundo da mercadoria. Para Benjamin a função do estudante de hoje é resgatar sua alma e sua história desvinculando-se do mundo da mercadoria. Reconquistada a sua consciência histórica e assumindo o papel primordial de sua vida. Isto porque,

Estão em jogo o perigo e a necessidade externa, é preciso uma orientação rigorosa. Cada qual encontrará seus próprios mandamentos, na medida em que confronta sua vida com a exigência mais elevada. Ele libertará o futuro de sua forma desfigurada, reconhecendo-o no presente. (BENJAMIN, 1986, p.159).

O papel do estudante é, pois, retomar a consciência histórica por meio da apropriação dos saberes. Benjamin chama atenção para os perigos do progresso, especialmente da perda da dimensão humana no mercado que o engole. Alerta para a apropriação parcelada do conhecimento, que impossibilita o reconhecimento do passado na experimentação da totalidade das experiências, fundamentais a construção da história dos vencidos.

Outro personagem citado por Benjamin como exemplo humano privado de experiência é o jogador. O jogador Não percebe nada ao seu redor sua existência é movida pelo lucro imediato. O jogo de ganhas e perdas faz com que seu universo gravite em torno do agora e cada lance o coloca mais distante do passado.

O noção do jogo consiste em que a partida seguinte não depende da precedente. O jogo ignora totalmente qualquer posição conquistada, qualquer antecedente que recorde serviços passados (...) o jogo repele esse lastro do passado, que é apoio do trabalho, e que constitui a seriedade, a preocupação, a precaução, o direito, o poder (...) Esta idéia de recomeçar, de fazer melhor acompanha freqüentemente o trabalho do infeliz, mas ela é vã e é preciso tropeçar nas obras mal acabadas. (BENJAMIN, 1986, p. 159).

O jogador é como o operário na linha de montagem, a cada lance precisa começar de novo. Este processo repetitivo o coloca no eterno retorno, seus gestos são sempre os mesmos e passa a marcar o caráter na modernidade exposta ao caráter da pseudo novidade. Não há nenhuma aspiração de futuro no jogador, vive ao acaso. Sua existência resume-se a cada novo lance. O seu comportamento é o reflexo dos choques o que não requer experiências



e, portanto, não expressa experiências.

Ora, o que é o jogo, senão a forma de provocar, num segundo, as modificações que o destino, de ordinário, só produz em muitas horas e mesmo muitos anos, a forma de reunir apenas num só instante, as emoções esparsas na lenta existência de outros homens, o segredo de viver toda uma vida em alguns minutos. (BENJAMIN, 1986, p. 267).

O jogador se mantém pelos perigos e mistérios que o jogo oferece, é no medo que o jogo possibilita que o jogador se depara consigo mesmo. O mercado oferece o fascínio ao burguês assim como o jogo ao jogador e o inesperado é que mantém o estado de animo dos sois do desconhecido e ocasional mundo do mercado.

Para Benjamin o jogador representa a massa, pois deposita na crença do desenvolvimento do progresso toda sua existência, posto que cada lance, em cada segundo anuncia a possibilidade do novo. Entretanto, o jogador é visto por Benjamin como o revolucionário, pois no instante onde se manifesta a sua intuição ele é capaz de fazer relampejar toda sua existência, numa explosão de agoridades. Nesta explosão o jogador, apesar de sua não consciência de suas ações, é capaz de promover a realização da história.

A embriaguez do jogo, marcada pela paixão do jogador permite com que ele recomece sempre do zero, esta coragem é que faz com que Benjamin associe o jogador ao revolucionário que por paixão des-constroi e é nesta força da des-construção que o passado é redimido. “O jogo, como qualquer outra paixão, dá a conhecer seu rosto como faísca que salta, no âmbito do corpo, de um centro a outro reunindo e confinando nele a existência inteira”. (BENJAMIN, 1986, p. 151).

O flâneur representa na alegoria de Benjamin a imagem do capitalista. Ele é o personagem central da modernidade. Sua ação é isenta de sentido, seu tempo é o tempo homogêneo e vazio. Entretanto, este personagem tem um papel fundamental para a reconstrução da história.

O flâneur é o habitante da cidade que fascinado pelas ruas é embriagado pela mercadoria. Que o direciona a empatia com ela. Ele é prisioneiro do sonho de sua época. Porém ele tem consigo a ilusão de recuperara o tempo, de salvar os objetos das ruínas, como o anjo redentor, desta forma ele recorre á memória depositadas nas cidades e recorda-se de seu próprio passado.

A rua para o flâneur é o interior de sua casa e sua função, como a do colecionador, é diminuir as distâncias. Assim “para o perfeito flâneur é um prazer imenso decidir morra na



massa, no ondulante, estar fora de casa; e, no entanto, se sentir em casa, em toda a parte; ver o mundo, estar no centro do mundo e ficar escondido no mundo”. (BENJAMIN, 1989, p. 233).

Embora seja um observador do mercado, o flâneur realiza a leitura do indivíduo transformado em massa, mesmo de forma pouco clara através da mercadoria. Este ponto é central para a percepção do mundo, tendo a rua como palco da transformação da vida, o lugar onde os indivíduos manifestam suas convicções. O flâneur, como detetive, é capaz de através dos rostos captarem individualmente a massa, fazer a leitura de sua profissão.

Segundo Rouanet (1987, p. 75) “o flâneur tem a ilusão de descobrir em cada rosto, fisinomicamente, a verdade singular do indivíduo, sua alma e em suas condições de existência.” Benjamin associa à figura do flâneur a perspectiva de Boudelaire, cujo olhar alegórico revela a alienação da multidão.

Por outro lado a figura do flâneur, diz Rouanet(1987, p. 78) ao contrário do passante que é incapaz de lembrar-se, ele tem o dom da rememoração. Este aspecto positivo do flâneur permite a ele farejar a liberdade, o ócio. Assim, este ócio se caracteriza como oposição a ociosidade. A ociosidade é fruto do vazio do homem moderno, vivente do eterno novo.

A ociosidade moderna tem três representantes: o flâneur, o jogador, o estudante, todos desvinculados do mundo do trabalho. A ociosidade é um *imitatio dei*, esse mesmo Deus que descansou no sétimo dia, dando o modelo do ócio. Como o flâneur, o cioso dispõe da ubiquidade, como jogador da onipotência, como estudante da onisciência. Mas a ociosidade do flâneur é relativa, quando segue rastros na multidão, em busca da aventura, ele está reproduzindo a atividade mais antiga, dedicando-se ao trabalho mais antigo, que é a caça.(...) no flâneur, a experiência, ligada à tradição, é indissociável da vivência, que o impele à aventura. Sua práxis associa o trabalho e o não-trabalho e inclui a tradição, sem a qual o homem não pode construir a história.” (ROUANET, 1987, p. 78-79).

Portanto, os personagens que Benjamin identifica na cidade são emblemáticos para compreender a imagem da modernidade. Estas figuras trazem consigo aspectos negativos da cultura de vidro, do mundo homogêneo e vazio, marcada pela história dos vencedores. Entretanto, estas figuras também resguardam um papel fundamental para a transformação da história. Para Benjamin todos estes personagens têm um compromisso com a tradição e manifestam em suas ações, mesmo que inconsciente, o resgate de si mesmo, identificado como o caráter destrutivo.

Assim, Benjamin compreende que o caráter destrutivo apresenta-se sempre quando não há nenhum reconhecimento no momento, é uma forma de interferir na realidade, é um impulso ativo que tem por finalidade instaurar uma nova realidade. É este caráter



destrutivo que possibilita a transformação do existente em ruínas e a partir das ruínas é que os caminhos são construídos.

O caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas eis porque precisamente Vê caminhos por toda a parte. Onde outros esbarram em muros ou montanhas, aí também ele Vê um caminho. Já que vê caminhos por toda parte, está sempre na encruzilhada. Nenhum momento é capaz de saber o que o próximo traz. O que existe ele converte em ruínas, não por causa das ruínas, mas por causa do caminho que passa através dela. (BENJAMIN, 1986, p. 237).

Assim, no caráter destrutivo o único objetivo é encontrar significação para seguir adiante. O empenho do caráter destrutivo está em reescrever a história mostrando os objetos que as ruínas escondem. O caráter destrutivo representa o homem que acumulou experiências e, portanto poderá redimir a história. O tempo do caráter destrutivo é o do agora, sua ação é realizada no presente e sua função é a de romper com o tempo homogêneo e vazio do progresso, assim o que importa é o trabalho histórico que tem a realizar.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política**: Trad.: Sérgio Paulo Rouanet; São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. **Obras Escolhidas II Rua de mão única**. Trad.: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. SP: Brasiliense, 1987.
- _____. **Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Emerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **Origem do drama barroco Alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. **Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie**. Trad; Celeste Ribeiro de Sousa. São Paulo: Cultrix, 1986.
- BENJAMIN, A.; OSBORNE, P. (orgs.). **A filosofia de Walter Benjamin: Destruição e experiência**. Trad.: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BENJAMIN, Walter, SCHOLEM, G. **Correspondência**. Trad.: Neusa Soliz. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- D'ANGELO, Martha. **Arte, Política e Educação em Walter Benjamin**. São Paulo: Loyola, 2006.
- FREITAG, Bárbara. **A Teoria Crítica**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Por que um mundo nos detalhes do cotidiano?** Revista USP – Dossiê Walter Benjamin. São Paulo. nº 15. set - nov, 1992.
- HLITO, Alfredo. **Estructura (Structure)** – 1945. Disponível em: <http://www.redexport.gov.ar/areas/cultura/arteargentino/php>. Acesso em: 18/11/2009. (Imagem – Marca D'água).
- HORKHEIMER, Max. **Filosofia e Teoria Crítica**. São Paulo: Coleção Os Pensadores, 1968.
- LOWI, Michel. **A filosofia da História de Walter Benjamin**. In Estudos Avançados, 16, 45, 2002.
- MATTOS, Olgária. **A Escola de Frankfurt. Luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993.
- KONDER, Leandro. **O marxismo da melancolia**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1999.
- ROCHLITZ, R. **O desencantamento da arte: a filosofia de Walter Benjamin**. Trad.: Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.
- ROUANET, Sérgio Paulo. **As Razões do Iluminismo**: São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RUBINATO, Alfredo. **O Despertar da Besta: A alma do expressionismo Alemão e sua tradução estética no cinema**. Disponível em: <http://www.geocities.com/contracampo/expressionismoalemao.html>.
- WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.